

A EXPRESSÃO DO LUTO NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES NA REDE SOCIAL

Amanda Cristina Gomes Ribeiro¹; Juliana Batista Fitaroni²

Resumo:

O presente estudo teve como objetivo compreender o significado do luto na atualidade, partindo de publicações na rede social Facebook, para tentar entender o processo vivenciado por aquele que passa por uma perda. Para tanto, foram selecionadas 100 publicações da rede social Facebook compreendidas através da Análise de Conteúdo Categorial, sendo cada uma de um perfil diferente, de participantes que se denominavam do gênero feminino, com faixa de idade entre 18 e 30 anos, que publicaram algo relacionado à temática luto e utilizando-se da *hashtag* #Luto compartilhavam a experiência da perda de uma pessoa próxima ou relembavam este acontecimento marcante. Observou-se que, para as participantes o luto é um evento que desencadeia sentimentos de angústia, porém busca-se chegar à aceitação do ocorrido, utilizando de diversos recursos, tais como a expressão frequente de alusões à pessoa que faleceu, numa tentativa de senti-lo próximo, atitude bem aceita na rede social. O luto, por consequência, evoca o conceito de morte como um acontecimento que pertence ao ciclo de vida e como perda e/ou ausência de alguém. Os resultados demonstraram que a religiosidade nos dias atuais ainda tem servido como conforto de seus adeptos em momentos de crise e corrobora ser uma ferramenta importante no auxílio do enfrentamento e da superação da dor de uma perda. Logo, se tal prática se faz relevante para um determinado sujeito, é função do profissional de psicologia abrir-se para a compreensão desta, buscando métodos para auxiliar os indivíduos a partir da compreensão de suas práticas e crenças.

Palavras-Chave: Luto; Psicologia; Rede Social; Facebook.

THE EXPRESSION OF MOURNING ON THE FACEBOOK: AN ANALYSIS OF PUBLICATIONS IN THE SOCIAL MEDIA

Abstract:

The aim of this study was to understand the meaning of mourning in the present time, starting from publications in the social media Facebook, to try understanding of the process experienced by the ones that goes through a loss. To this end, 100 Facebook's publications were selected through the Categorical Content Analysis, each one of a different profile, from participants that were denominated with the feminine gender, with age range between 18 and 30 years, who published something related to the subject of mourning and using the hashtag #Luto (#mourning in Portuguese) shared the experience of the loss of a close person or recalled this remarkable event. It was observed that, for the participants, mourning is an event that triggers feelings of anguish, but it seeks to arrive at acceptance of the event, using various resources, such as the frequent expression of allusions to the person who died, in an attempt to feel it close, well accepted attitude in the social media. Mourning, therefore, evokes the concept of death as an event that belongs to the life cycle and as loss and/or absence of someone. The results showed that today's religiosity has still served as the comfort of its adherents in times of crisis and corroborates that it is an important tool to help coping with and overcoming pain from a loss. Therefore, if such practice becomes relevant to a particular subject, it is the psychology professional's job to open up to the understanding of this, seeking methods to assist individuals from understanding their practices and beliefs.

Keywords: Mourning; Psychology; Social Media; Facebook.

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: acgr.ar@gmail.com;

² Mestra em Psicologia pela UFSC; Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande UNIVAG, e-mail: julianafitaroni@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o homem sempre procurou meios de se comunicar, começando, ao que se tem notícia, pelos desenhos nas cavernas. Por viver em sociedade, com o tempo buscou e aprimorou técnicas que levassem o outro a compreender o que ele diz. Desse modo, foram surgindo os diversos meios de comunicação que atualmente se conhece, tais como a carta, a máquina de escrever, o telefone, a rádio, a televisão e o computador.

Tais instrumentos de comunicação foram sendo desenvolvidos de modo acelerado e proporcionando aos usuários informação com agilidade, além de possibilidades de interação e entretenimento. Atualmente, pode-se dizer que vivemos em uma era tecnológica, dominada pela ascensão da Internet, que vem buscando se tornar popular e de fácil acesso aos usuários (RUDIGER, 2011).

Com o surgimento da Internet, na década de 90, a televisão e outros veículos de comunicação vêm sofrendo uma queda em seu uso, pois a Internet oferece mais opções de serviços, tanto de informação quanto de entretenimento, como se todos os outros veículos estivessem agregados nela e justamente por possuir essa característica de unificação é que se acredita que tenha tido rápida ascensão. A Internet, como afirma Veronezzi (2002, p. 117) “nasceu queimando etapas”, se comparada aos diferentes meios de comunicação tradicionais.

A partir dos anos 2000 surgiu uma nova tendência: as redes sociais, um meio pelo qual diversas pessoas interagem entre si, sem a necessidade de um conhecimento especializado no sistema. Entre elas estão o Facebook e o Orkut (que teve seu encerramento em 2014) criados em 2004, o YouTube em 2005 e o Twitter em 2006.

As redes sociais atualmente vêm ganhando e ocupando espaço no dia a dia de muitos indivíduos, alguns, inclusive, atribuem significativa relevância a tais ferramentas em suas vidas de modo a se posicionarem como se não fosse possível, para eles, viver na sociedade atual sem estar fazendo uso de algum desses recursos de comunicação para se manter conectado às notícias mais recentes e às pessoas distantes (DUARTE & SILVA, 2015). Como afirmam Hunt e Callari (2010), “vivemos um momento histórico em que o mundo virtual tem um peso cada vez mais significativo no mundo real. O primeiro não apenas repercute o segundo; ele o influencia. Em alguns casos, até o molda!”, logo, tem se tornado quase que uma exigência se adequar ao mundo virtual, este que devido a importância conquistada vem influenciando na construção da subjetividade de seus componentes, pois, vale lembrar que, para que uma rede social exista e se mantenha, é necessário que ela seja composta por atores, ou seja, pessoas que estarão envolvidas nela, que, ao criar um perfil em uma rede, se faz representar por essa ferramenta e se insere

nesse coletivo, nesse espaço de interação e fala, através do qual outros atores de diversos lugares do mundo também irão expressar sua subjetividade. Assim, vive-se em um momento em que o mundo real se encontra atravessado pelos moldes do mundo virtual.

O avanço tecnológico associado ao número cada vez maior de adesões e acessos às redes tem causado também preocupações quanto ao seu uso excessivo e sem controle que acaba por gerar a exposição da vida privada.

Nas redes sociais, um dos principais fatores de preocupação é o excesso de exposição por parte dos usuários. Nesse ambiente, a sensação predominante é de que o sujeito se esquece da necessidade de impor limites ao quanto sua vida ficará exposta para os demais usuários, dessa forma, seja por meio de fotografias e vídeos ou textos, cada vez mais a vida cotidiana se transforma num grande espetáculo apreciado por milhões e milhões de usuários. (DO AMARAL, 2015, p.476).

Essa exposição da subjetividade vem se tornando frequente na internet e alguns acabam por eleger essa ferramenta como um espaço para revelar seus sentimentos e emoções, facilitando a expressão de situações tidas como difíceis de lidar, como a morte e o luto. “O mundo virtual acabou se transformando em uma extensão da vida cotidiana do ‘mundo real’, e nesse processo de apropriação tecnológica, temas como a morte também migraram para dentro do mundo online em busca de ressignificações” (MUELLER, 2014, p.127).

Na realidade, é no luto que vemos a representação da morte que há em cada sujeito, pois assim como afirma Oliveira-Cruz (2011), o luto é a experiência mais próxima que o homem tem com a morte, visto que quem vive não pode experimentá-la ou descrevê-la, logo, é na condição de enlutado que o sujeito vivencia sua própria condição de morte, pois o luto aponta para a vulnerabilidade da existência a que estamos sujeitos.

O luto é a consequência da experiência de perda que acontece sempre que nossa vida for afetada pelo término de uma relação significativa. É um processo de elaboração e o seu significado é determinado de modo individual, subjetivo e dentro do contexto de quem vivencia a perda. (BOUSSO, 2011 *apud* BOUSSO et. al., 2014b, p. 1).

Sabe-se que a perda de alguém por quem se tem afeto pode ser motivo de muita tristeza na vida de uma pessoa, que chega até mesmo a não aceitar o ocorrido, se apegando às suas lembranças e ilusões como método de fuga para não encarar a realidade. De acordo com Mueller (2014, p. 130) “quanto mais amada for a pessoa perdida, maior a importância conferida aos pertences, aos lugares e aos artefatos produzidos para representá-la” e mais se torna difícil e pesaroso o processo de elaboração. Essa perda, além de causar sofrimento pode desencadear diversas reações, de sujeito para sujeito.

Segundo Parkes (1998), o luto é um processo composto por uma diversidade de quadros clínicos, que se combinam, se confundem e se substituem, iniciando com o entorpecimento, como um choque inicial, vindo em seguida a saudade ou procura pelo ente que se foi, abrindo espaço para o desespero, para só então chegar à recuperação.

Cada uma dessas fases tem suas características, e há diferenças consideráveis de uma pessoa para outra, tanto no que se refere à duração quanto à forma de cada fase. Além disso, as pessoas podem passar de uma para a outra e voltar de maneira que anos após o início do luto, a descoberta de uma fotografia na gaveta ou a visita de um velho amigo pode provocar outro episódio de dor e saudade (PARKES, 1998, p. 24).

O autor afirma ainda que o luto desperta alguns comportamentos, tais como o alarme, ou seja, a pessoa que sofreu a perda fica em constante estado de alerta, como se a qualquer momento pudesse sofrer uma nova perda ou estivesse correndo perigo; podem surgir diversas lembranças ou fantasias com o ente falecido; o enlutado pode se afastar de todas as outras pessoas ao seu redor ou aproximar-se indevidamente de algumas para se sentir em proteção. Tais comportamentos dependerão da natureza do ocorrido e da predisposição pessoal do sujeito enlutado.

A maioria de nós provavelmente já sofreu alguma perda relacionada a uma pessoa amada e experienciou tais reações em maior ou menor intensidade, sendo de tal modo familiar o assunto e a sensação da perda. O que pouco se sabe é que as formas de expressar o luto foram mudando, no decorrer dos séculos.

Na Idade Média, segundo Ariés (2012), o luto era excessivo e veio por volta do século XII a se tornar ritualizado, representado pelas vestes negras e tendo um tempo de duração determinado. Dos séculos XV ao XVIII passa a ser obrigação da família que deveria manifestá-lo mesmo que tal dor não existisse, mas ao mesmo tempo só era aceito até um certo limite para que o sobrevivente não venha a incomodar os outros com sua expressão de dor. Já a partir do século XIX uma nova atitude quanto ao luto é adotada, este passa a ser algo que deve ficar às escondidas, tornando condenáveis as demonstrações, não se usa mais trajes escuros, não se fala mais com as crianças sobre isso e não se aceita mais choros em público, pois ao invés de causar pena, afasta as pessoas. O que antes era exigido se torna a partir de então algo proibido. O luto não é mais considerado como um tempo necessário para a elaboração da perda e que é respeitado pela sociedade, torna-se algo incômodo aos olhos dos outros que deve ser abreviado e escondido.

É nesse contexto de interdição, vivido ainda hoje, que o luto encontra espaço na internet, sendo cada vez mais frequente sua demonstração por meio das redes sociais, como uma alternativa para que haja a elaboração desse momento conflituoso, que é vivenciado por cada pessoa de uma determinada maneira, mas que no geral assola, entristece, tornando-se, para alguns, inaceitável conviver com a perda do ente.

Nesse sentido, Bousso et. al. (2014b, p. 1-2) afirmam que “as redes sociais têm se mostrado como um espaço no qual o enlutado pode dar voz a seu sofrimento”, pois a expressão do luto nas redes sociais vem surgindo com aparente naturalidade e grande intensidade, como um método da pessoa encontrar forças para suportar o seu sofrimento. E

nas redes sociais esse sujeito se vê possivelmente acolhido, recebendo mensagens de apoio e condolências, que se farão importantes para amenizar o sofrimento sentido, vai dependendo do significado atribuído por esse sujeito ao contexto virtual em que ele está inserido.

Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo analisar o conteúdo existente nas publicações que expressam enlutamento da rede social “Facebook” e o significado da morte e do luto para os determinados sujeitos, levando-nos a compreender o luto vivido na contemporaneidade partindo de tais publicações, visto que vivemos um momento de grande exposição da subjetividade. Dito isto, cabe afirmar que este trabalho se torna relevante na medida em que colabora com a comunidade científica da Psicologia na compreensão das maneiras dos sujeitos se posicionarem frente ao luto, tendo agora acesso à internet, e a partir disto poder auxiliá-los nesse processo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir de publicações na rede social “Facebook”, referentes ao tema “luto”. Trata-se de um estudo exploratório, que é definido como uma pesquisa que tem por objetivo

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p.41).

Além disto, tal estudo utiliza-se de abordagem qualitativa para a compreensão dos fenômenos estudados, ou seja, “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

Com relação aos procedimentos utilizados, tal estudo é denominado pesquisa de levantamento. Para Fonseca (2002 *apud* GERHARDT & SILVEIRA, 2009) este tipo de pesquisa, que é utilizado em estudos exploratórios e descritivos, pode ser de dois tipos: levantamento de uma amostra ou levantamento de uma população. Nesse caso, o estudo a ser apresentado diz respeito ao levantamento de uma pequena amostra.

Mediante o grande número de mensagens publicadas todos os dias, determinou-se que seriam selecionadas apenas as publicações dedicadas ao falecimento de pessoas próximas, tendo os autores das publicações experienciado essa perda recentemente ou que estejam lembrando este acontecimento marcante em suas publicações, excluindo-se, assim, dedicatórias a famosos e animais de estimação.

Além disto, as publicações eram pertencentes somente a mulheres com idades entre 18 e 30 anos, sendo que tal informação deveria constar em seu perfil para que fosse

escolhida. Para Parkes (1998), são as mulheres que, de alguma maneira, passam pela experiência do luto com afetações psicológicas, em maior intensidade que os homens. Em contrapartida, para ele, os homens tendem a desenvolver maiores problemas cardíacos após uma perda, em especial se for o falecimento do cônjuge, ao que ele julga ter relação com as repressões de manifestação do luto feita por eles, pois se acredita que para as mulheres tais manifestações são realizadas e aceitas com maior naturalidade e frequência. Por esse motivo, optou-se trabalhar com publicações de pessoas identificadas como do sexo feminino, esperando obter maior conteúdo a ser trabalhado.

Foram então selecionados, para este estudo, 100 perfis diferentes de pessoas que publicaram algo relacionado à temática luto. Tais publicações foram pesquisadas e encontradas a partir da *hashtag* #Luto, de 16 de junho a 16 de agosto de 2016.

Com relação aos cuidados éticos que devem ser tomados em todas as pesquisas, por não terem sido dadas autorizações pelos autores das publicações, não haverá a divulgação dos perfis selecionados.

A publicação de dados ou opiniões em um sistema aberto ou semipúblico implica que estes podem ser trabalhados e divulgados pelos pesquisadores, sem a necessidade de autorização das pessoas que os originaram ou daquelas às quais as publicações dizem respeito, perspectiva a qual vem sendo comumente adotada no Brasil. (BOUSSO et. al., 2014a, p. 173).

Logo, o trabalho foi realizado em conformidade com as normas exigidas para a publicação de trabalhos desta categoria.

Para que fosse possível analisar o conteúdo das publicações e o significado implícito nelas, foi tomado como base e referência o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2010), que, segundo a autora é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p. 33).

Fez-se necessário, então, seguir as fases da análise propostas pela autora, sendo elas: 1) a pré-análise, fase composta pela escolha dos documentos, formulação das hipóteses e objetivos e escolha dos indicadores que fundamentem a interpretação; 2) a exploração do material, que é a aplicação das decisões tomadas anteriormente e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, que é o momento em que os resultados são tratados para se tronarem informações significativas e válidas, podendo o analista propor inferências e adiantar interpretações, sobre os objetivos da pesquisa ou sobre outras descobertas surgidas. (BARDIN, 2010).

Desse modo, as publicações foram escolhidas, lidas e separadas em temas repetidos e semelhantes, a partir do qual foram formadas temáticas de análise, subcategorias e categorias, unidas pelos discursos e significados expressos pelas

participantes. No final de todo o trabalho, resultaram 21 temas que abordavam detalhadamente as mensagens contidas em cada publicação.

RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Foram analisadas as publicações de 100 mulheres que utilizaram a #Luto para expressar esse momento de suas vidas. Não há como averiguar a veracidade dos fatos, pois se tratam de pessoas desconhecidas, porém optou-se por dar credibilidade às informações publicadas e usá-las como fonte de estudo. A idade média das participantes foi de 22,5 anos (DP = 2,63 anos).

Características das publicações

Com relação ao momento do falecimento para o período da publicação, 94% ocorreram na mesma semana, outro 1% quatro meses antes e 5% um ano antes da publicação, aparecendo, neste último caso, como “lembranças compartilhadas” que é uma configuração personalizada do Facebook, que vem a notificar, para a pessoa o que ela publicou nos anos anteriores naquela determinada data, dando-lhe a opção de publicar novamente, ou seja, compartilhar aquela publicação.

Das 100 publicações, 49 continham um adicional chamado “sentimento/atividade”, que é uma configuração do Facebook que permite à pessoa inserir como está se sentindo naquele momento ou o que está fazendo. Estas então se dividiram em: “sentindo-se triste” (30), “sentindo-se de coração partido” (10), “sentindo-se em luto” (3), “sentindo-se despedaçada” (2), “sentindo-se muito triste” (1), “sentindo-se inconformada” (1), “sentindo-se em paz” (1) e “procurando o sentido da vida” (1).

Resultados do tema #Luto

Ao que se refere à análise propriamente dita das publicações coletadas, o conteúdo sobre luto foi obtido por meio da pesquisa na rede social Facebook, com a *hashtag* Luto, visando identificar o significado desse tema para as autoras das publicações. A análise dos dados foi realizada inicialmente com a leitura flutuante do material, no qual foi possível identificar quatro categorias principais: “Sentimentos provocados pela perda”, “Alusão à pessoa que faleceu”, “Enfrentamento do luto através da religiosidade” e “Significado da morte”. Segue abaixo a descrição destas, compartimentadas em subcategorias e temáticas de análise (Figura 1).

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TEMÁTICAS DE ANÁLISE
1. Sentimentos provocados pela perda	1.1. ANGÚSTIA	1.1.1. Sofrimento (frequência = 44) 1.1.2. Saudades (frequência = 39) 1.1.3. Negação da perda/morte (frequência = 26) 1.1.4. Dificuldade de expressar (frequência = 07) 1.1.5. Revolta com o acontecido (frequência = 06)
	1.2. ACEITAÇÃO	1.2.1. Atravessamento do tempo lógico (frequência = 39) 1.2.2. Lembranças (frequência = 25) 1.2.3. Conformismo com o acontecido (frequência = 17)
2. Alusão à pessoa que faleceu	2.1. DESCRIÇÃO DA RELAÇÃO COM A PESSOA QUE FALECEU	2.1.1. Características da pessoa que faleceu (frequência = 33) 2.1.2. Expressão de afetos ao ente (frequência = 18)
	2.2. TENTATIVA DE ESTABELECEER CONTATO	2.2.1. Conversando com a pessoa que morreu (frequência = 69) 2.2.2. Agradecimentos (frequência = 10)
3. Enfrentamento do luto através da religiosidade	3.1. MENÇÃO A SERES SUPERIORES	3.1.1 Referência a uma divindade (frequência = 70) 3.1.2 Referência a figuras celestes (frequência = 26)
	3.2. CONSEQUÊNCIAS DA CRENÇA EM UM SER SUPERIOR	3.2.1. Crença em vida/continuidade após a morte (frequência = 57) 3.2.2. Conforto divino (frequência = 29) 3.2.3. Descanso (frequência = 29)
4. Significado da morte	4.1. EVENTO PERTENCENTE AO CICLO DE VIDA	4.1.1. Finitude (frequência = 24) 4.1.2. Imprevisibilidade (frequência = 17)
	4.2. AFASTAMENTO DE ALGUÉM	4.2.1. Perda (frequência = 12) 4.2.2. Ausência (frequência = 07)

Figura 1. Síntese das categorias, subcategorias e temáticas de análise do tema “luto”.

Categoria 1: Sentimentos provocados pela perda

A primeira categoria identificada nas publicações analisadas, diz respeito aos sentimentos suscitados no momento da perda de uma pessoa próxima. O falecimento de um ente querido é capaz de despertar sentimentos e reações diversas, tais como angústia e aceitação.

Subcategoria 1.1: Angústia

Nesta subcategoria, identificaram-se as expressões dos sujeitos pesquisados relacionadas à angústia mediante a perda. Um número considerável de publicações (44%) expressava tristeza, dor e *sufrimento* (1.1.1) com o falecimento do ente.

As lágrimas são inevitáveis, a tristeza em nossos corações também. É uma dor imensurável, indescritível. (Participante 24).
A dor está insuportável. (Participante 34).

Associadas às anteriores, surgiram, também em grande número (39%), frases indicando o falecimento do ente como um evento de separação, utilizando a publicação para enfatizar a falta que a pessoa faz ou fará para ela, a partir do termo *saudades* (1.1.2).

Vai deixar saudades. (Participantes 8, 13, 33, 39, 94).
Saudade eterna. (Participantes 19, 20, 24, 29, 35, 42, 48, 66, 73, 89).

Foi possível identificar também, no contexto de algumas publicações, frases que expressavam a rejeição da pessoa para com a realidade do acontecido, não aceitando ou não querendo acreditar no fato, como um posicionamento de *negação da perda/morte* (1.1.3).

Difícil acreditar, [...] é difícil aceitar. (Participante 3).
Eu não consigo acreditar que isso aconteceu [...] não acreditei quando recebi a notícia e até agora a ficha não caiu. (Participante 19).

Mediante ao impacto da notícia e do acontecimento, algumas publicações revelaram, das pessoas, certa *dificuldade de expressar* (1.1.4) seus sentimentos com relação ao acontecido.

Tenho nem palavras pra dizer o que estou sentindo agora. (Participante 1).
Um silêncio toma conta de quem chora por dentro. (Participante 87).

Foi possível identificar ainda, relacionado à angústia diante da perda, sentimentos e/ou posicionamentos de *revolta com o acontecido* (1.1.5), mesmo que em menor quantidade (6%), quando comparado ao total de publicações, porém de conteúdo significativo.

Como pode existir tantas pessoas maldosas com saúde nesse mundo? (Participante 21).
Justiça!!! Justiça!!! Compartilhem amigos!!! Não trará o nosso amigo de volta, mas o que queremos é a justiça dos homens! (Participante 49).

Esta subcategoria nos mostra as primeiras reações mediante ao falecimento de um ente querido que são, com maior frequência de angústia e de não-aceitação do ocorrido.

Subcategoria 1.2: Aceitação

Ao contrário da primeira subcategoria, nesta foi possível verificar a existência de frases que expressavam uma tentativa de aceitação mediante o acontecido, utilizando-se de diversos recursos para poder assimilar a perda e/ou suportá-la. Um destes recursos percebidos foi referente a uma tentativa de *atravessamento do tempo lógico* (1.2.1),

ênfatizando em suas publicações uma temporalidade inalcançável visionando manter ligação com o ente.

Te amamos para sempre. (Participante 3).
A saudade que vou sentir eternamente. (Participante 15).
Luto eterno. (Participantes 38, 43).

Associada a essa temática, e, por vezes, suscetível a gerar confusão entre elas, está a temática identificada e nomeada como *lembranças* (1.2.2), que diz respeito a frases que ênfatizam a recordação do falecido e a intenção de mantê-la, como forma de alívio da dor e aproximação do ente.

Jamais te esquecerei. Você vai estar sempre no meu coração. (Participante 20).
Vai viver em nossas lembranças com amor. (Participante 40).

Além disto, a aceitação, por assim dizer, ou tentativa desta, se fez expressa entre frases que traduziam *conformismo com o acontecido* (1.2.3) por parte do sujeito que perdeu o ente; o que apareceu com maior frequência, quando se compara às frases de revolta publicadas.

Mas não há a nada a se fazer senão aceitar. (Participante 24).
Apenas nos resta aceitar. (Participante 39).

Nesta subcategoria estudada, ao contrário da anterior, foi possível perceber tentativas de aceitação da perda através da manutenção das lembranças e de frases de conformismo, visto que não há o que se fazer para se reverter isso.

Tais subcategorias se apresentavam simultaneamente nas mesmas publicações, pois, ao contrário do que se pensa, não necessariamente uma chegaria a excluir a outra. Na realidade, ao analisar as publicações percebia-se claramente o movimento das participantes de se revoltar e se entristecer com o falecimento do ente e de ao mesmo tempo procurar compreender e aceitar o que ocorreu.

Categoria 2: Alusão à pessoa que faleceu

A segunda categoria diz respeito à necessidade da pessoa enlutada de se direcionar ao ente querido que faleceu, a partir de duas maneiras: ressaltando a forma que se deu a sua relação com a pessoa e utilizando-se de um discurso que indica um estabelecimento de contato com o indivíduo que não mais está vivo.

Subcategoria 2.1. Descrição da relação com a pessoa que faleceu

Em diversas publicações, entre as que foram coletadas, foi possível notar que a pessoa enlutada se preocupava em descrever *características da pessoa que faleceu* (2.1.1), ênfatizando elogios e exaltando as qualidades da pessoa. Em nenhuma publicação selecionada encontrou-se críticas quanto à pessoa perdida, expondo os defeitos desta; as

características ressaltadas eram eminentemente positivas ou, melhor dizendo, aceitas pelo contexto social como algo positivo.

Era aquela pessoa alegre, divertido, brincalhão, amigo! Enfim um bom rapaz! (Participante 8).

Por onde ele passava não havia tristeza. (Participante 51).

Outra maneira encontrada pelas autoras das publicações de ressaltar a intensidade da relação com a pessoa falecida foi a partir da *expressão de afetos ao ente* (2.1.2), como uma forma de declarar seus sentimentos a ele e apresentar aos outros.

Tamanha admiração e amor que sinto por esse homem. (Participante 5).

Saiba que eu te amo muito. (Participante 15).

Nesta subcategoria, expressa-se a necessidade de descrever a relação existente com o ente que faleceu como meio de demonstrar ao outro a intensidade de sua dor, visto que sua ligação com o falecido era estreita e também como forma de se aproximar deste por meio dos elogios e declarações publicados.

Subcategoria 2.2: Tentativa de estabelecer contato

Um número expressivo de publicações mostrou-se no momento da análise como uma tentativa de diálogo ou de deixar um recado, no qual a autora da publicação aparecia *conversando com a pessoa que morreu* (2.2.1); o que, aparentemente, tem sido bem aceito no mundo virtual, tendo por base a quantidade surgida dentro da amostra coletada. Em sua maioria, as frases continham a palavra “você”, se referindo ao ente falecido; ou este era nomeado na frase por seu grau de parentesco (tio, tia, avô, avó, mãe, primo) ou proximidade (amigo, amiga, professora); ou até mesmo, utilizando uma configuração do Facebook, o perfil da pessoa, a partir da digitação do nome, era inserido no decorrer da publicação, o que é chamado na rede social de “marcação”. Não serão listados exemplos nesta temática para evitar que haja a identificação das autoras das publicações e/ou de seus entes.

Além de conversar, algumas participantes da pesquisa expressavam frases de *agradecimento* (2.2.2) à pessoa que faleceu, como uma declaração para este, enfatizando o que ele representou em vida.

Quero hoje agradecer pelo privilégio de ter feito parte de sua vida. (Participante 48).

Obrigada por ter sido um ser humano tão iluminado. (Participante 83).

Assim como na anterior, nesta subcategoria, notou-se a tentativa de aproximação do ente por meio de um diálogo e agradecimentos a ele publicados, num movimento contrário de mantê-lo perto e ao mesmo tempo despedir-se dele, agradecendo por sua importância. Esta categoria demonstra a atitude muito aceita e compreendida nas redes sociais, que é a de se direcionar por meio da fala à pessoa que faleceu, como sendo possível que ela compreendesse ou tivesse acesso ao que estaria sendo publicado.

Categoria 3: Enfrentamento do luto através da religiosidade

A terceira categoria diz respeito às temáticas que tiveram maior frequência do que as outras categorias, sendo que esta se refere à maneira encontrada pelo sujeito de enfrentar o luto se apoiando na religiosidade, seja fazendo referência a seres superiores ou confiando nos benefícios da crença nesse ser superior, a religiosidade se faz presente naquele momento como um meio de acalantar a perda sofrida por aquela pessoa.

Subcategoria 3.1: Menção a seres superiores

A análise das publicações mostrou um grande número de frases (70%) que fazem referência a uma divindade (3.1.1) ou entidade divina, apresentando a religiosidade como aspecto central no enfrentamento da perda, as participantes da pesquisa convocavam o ser referido, realizando as mais diversas súplicas, lamentos ou procurando consolar-se ao falar desse.

Sei que Deus sabe todas as coisas, que ele ilumine seu caminho tia. (Participante 22).

Mas tenho certeza que Nossa Senhora veio lhe pegar pela mão. (Participante 98).

Associados aos seres superiores mencionados, haviam nas publicações, também, referência a figuras celestes (3.1.2) que apareciam relacionadas ao contexto do falecimento do ente.

Deus ganhou mais um anjo... Minha estrela. (Participante 6).

A estrela que iluminava nossos dias hoje brilha lá no céu. (Participante 56).

Esta subcategoria nos mostra o quão comum e frequente é um sujeito no momento da dor, independentemente de sua crença, apelar por proteção e cuidado de um ser superior, ao qual ele acredita que, mediante situações extremas, acaba sendo o único que pode fazer algo.

Subcategoria 3.2: Consequências da crença em um ser superior

Quando se faz menção a um ser superior, uma divindade, espera-se que este ser seja capaz de dar o que se precisa naquele momento, tais como proteção e conforto, como uma espécie de recompensa pela crença e confiança que é depositada nele. Em suas publicações, as participantes expressavam repetidas vezes a crença em vida/continuidade após a morte (3.1.2) pois afirmavam que o ente falecido teria ido ou estaria em algum outro lugar, como que numa continuidade da vida e não uma interrupção desta.

Hoje você partiu para um lugar melhor. (Participante 3).

E um dia vamos todos nós se encontrar lá em cima. (Participante 42).

Além da crença em uma continuidade para a pessoa que faleceu, as autoras das publicações esperavam também que este ser superior pudesse fornecer conforto (3.2.2) para si e/ou para os familiares enlutados.

Que o Senhor nosso Deus conforte o coração da família. (Participante 4).

Que Deus ilumine e console a vida da família. (Participante 50).

Ainda analisando as consequências da crença na religiosidade, um fator percebido foi a da convicção das pessoas de que a morte seria um *descanso* (3.2.3) para o falecido, como se este tivesse sofrido bastante em vida e nesse momento precisasse repousar, livrando-se de todas as agruras.

Descanse em paz. (Participantes 8, 9, 10, 11, 13, 24, 26, 29, 30, 32, 42, 45, 47, 56, 59, 60, 66, 68, 69, 74, 75, 77, 81, 82, 85, 100).
Deus está em festa pois recebeu mais um anjo dele pra descansar. (Participante 23).

Associada a subcategoria anterior, esta subcategoria revela o que se espera com a crença em um ser superior: acredita-se na possibilidade em uma continuidade da vida após a morte em outra dimensão e se espera receber conforto desse ser no momento de sua dor, acreditando que o falecimento seja na verdade um descanso para a pessoa.

Ainda que as diversas religiões e crenças se diferenciem em muitos conceitos, vê-se quase que numa totalidade esses pontos acima citados que se fazem presentes com frequência no discurso do enlutado após a perda.

Categoria 4: Significado da morte

A quarta e última categoria identificada diz respeito aos significados atribuídos pelas participantes à morte. Foi possível perceber que a morte é caracterizada nas publicações analisadas como um evento natural que pertence ao ciclo de vida (nascer, crescer e morrer) e como o afastamento ou desaparecimento de certo alguém, visto que esse não fará mais parte do círculo de convivência.

Subcategoria 4.1: Evento pertencente ao ciclo de vida

Em diversas publicações, percebe-se a caracterização da morte como *finitude* (4.1.1), classificando-a como fim da vida, implícita e explicitamente, o qual não se pode reverter.

Mesmo sabendo que um dia a vida acaba. (Participante 8).
Nascemos, crescemos, morremos. Esta é a sequência natural da vida. (Participante 77).

Além de representar o fim de uma existência, a morte é ressaltada nas publicações por sua característica de *imprevisibilidade* (4.1.2), em frases que definem a morte como um fato que não se pode prever.

A morte não tem data marcada. (Participante 14).
É incrível como as coisas acontecem de repente, nunca ninguém poderia pensar que seria você... nunca iria imaginar que fosse logo você. (Participante 52).

Nesta subcategoria nota-se o conceito de morte como um evento que pertence à vida, que em algum momento acontecerá, momento esse que não se pode prever, e que dará fim à vida, sendo um acontecimento que não é possível desfazer.

Subcategoria 4.2: Afastamento de alguém

Nesta última subcategoria demarcada, identificou-se nas publicações frases que expressam a morte como uma *perda* (4.2.1) de alguém que fazia parte de sua vida.

Não é fácil perder uma pessoa tão querida. (Participante 3).

Como é difícil Senhor, perder uma pessoa que conhecemos e aprendemos a amar. (Participante 72).

Associada ao sentimento de perda, se notou nas publicações o significado da morte como *ausência* (4.2.2.) do ente querido, que não mais poderá ser encontrado quando for procurado.

Só de pensar que não vou mais lhe ver e nem poder ligar pra senhora, nem sequer ouvir suas histórias. (Participante 26).

Aquele sorriso jamais verei de novo. (Participantes 30, 45, 54).

Na subcategoria em questão as participantes expressam a morte como um afastamento de alguém, que vem a representar a perda e a ausência deste ente em sua vida.

Com esta categoria, foi possível identificar o significado de morte expresso pelas participantes: algo definitivo, gerando a sensação de impotência frente ao ocorrido; imprevisível, que deixa o sujeito mediante a uma insegurança, pois não se sabe como, onde, quando e com quem a morte ocorrerá; e que representa perda e ausência, suscitando os sentimentos de tristeza e abandono, outrora citados.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o significado da morte e do luto na atualidade, expresso a partir da rede social Facebook e entender como essa ferramenta vem funcionando na tentativa de elaboração do luto pelas pessoas que a utilizam. Para que houvesse melhor organização e entendimento dos temas pesquisados, a discussão dos resultados foi ordenada seguindo as categorias propostas na Figura 1.

As participantes dessa pesquisa foram mulheres de 18 a 30 anos, desconhecidas, usuárias da rede social Facebook, apresentando idade média de 22,5 anos, o que nos indica maior utilização desta ferramenta por jovens adultos. De Freitas & De Carvalho (2012) nos mostram os dados da empresa Comscore, especializada em pesquisas de análise da Internet, de 2011 em que o público que utiliza a internet no Brasil é o mais jovem na média mundial, pois mundialmente os consumidores com até 34 anos representam 51% da população *online*, já no Brasil estes somam 60% dos que acessam a internet. Anos anteriores, em 2006, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação do Brasil realizou uma pesquisa que indicou que a maior parte dos usuários no país era composta por jovens com idades entre 16 e 24 anos (PERUZZO *et.al.*, 2007). E são esses mesmos jovens que utilizam tal ferramenta como forma de expressão na tentativa

de elaboração do luto, encontrando na rede social o apoio de outras pessoas, de diversos lugares do mundo.

Segundo Parkes (1998, p. 15), “o luto é a expressão dos vínculos que as pessoas estabelecem umas com as outras e que, em última análise, nossos vínculos têm suas raízes na infância”. Ao falarmos de vínculos e do rompimento destes, nos voltamos para as postulações de John Bowlby em sua Teoria do Apego que surgiram a partir de observações no trabalho com crianças, enfatizando a relação do bebê com sua figura de afeto (o cuidador) e as consequências advindas da separação entre eles. Para este autor, são as condições propiciadas à criança nos primeiros anos de vida de se desenvolver que colaborarão para que esta tenha maior aporte emocional e possa enfrentar as perdas ocorridas ao longo de sua vida de forma mais saudável do que as outras pessoas, que, ao contrário destas, terão dificuldade na superação de perdas e separações, pois não lhes foi propiciado o adequado desenvolvimento em seu meio afetivo. Desse modo, defende que a maneira que as pessoas encaram as perdas está relacionada com os cuidados advindos da primeira infância, logo, cada pessoa irá enfrentar o luto de modo particular (BOWLBY, 2004 *apud* SANCHES 2012, p. 44-45).

Pincus (1989) e Parkes (1998) enfatizam que o luto pode ser assemelhado a um ferimento e que o processo por qual passará o enlutado implicará a cura desse ferimento, tal recuperação tem sido assemelhada a de uma ferida física, a diferença é que, nessa, quando a regeneração da pele acontece (e há meios medicinais para se apressar isso e para o alívio constante da dor), a pessoa pode se esquecer completamente o traumatismo sofrido, o que não acontece quando a ferida é psicológica, causada pela perda de uma pessoa importante. Nesse caso, “apenas quando a pessoa perdida é interiorizada e torna-se parte daquela que sofre a perda, [...] é que o processo de luto se completa” (PINCUS, 1989, p. 112-113). Para isso, as pessoas de nosso meio têm encontrado métodos de exteriorizar seu sofrimento de modo que sejam aceitos por vivenciá-lo e é nesse sentido que se fazem importante a internet e as redes social, visto que, em nosso dia a dia, pessoas que sofrem por luto são evitadas, devido à dificuldade instalada em nossa sociedade de lidar com este tema (ARIÉS, 2012; KOVÁCS, 1992).

A análise realizada com as publicações coletadas das 100 mulheres no Facebook revelou quatro categorias em comum, presentes nas publicações de modo geral. A primeira delas foram os sentimentos provocados pela perda de um ente querido, que apareceram em duas subcategorias: angústia e aceitação. Os sentimentos relacionados à angústia ao fato foram tristeza, dor e sofrimento, saudades, negação do acontecido, dificuldade de expressar o ocorrido e a revolta mediante a este; já no que se referiu à aceitação, foi possível identificar nas publicações narrativas com temporalidade inalcançável como “sempre”, “nunca”, “eternamente” quase que como uma tentativa de ultrapassar o tempo lógico como

meio de lidar com os fatos, também frases que manifestam lembranças da pessoa que faleceu, em geral positivas, objetivando aliviar a dor da separação e expressões de conformismo com o falecimento do ente, colocando que só lhes restava aceitar o ocorrido já que não haveria nada mais a se fazer quanto a isso.

Tais reações identificadas remetem às reações apontadas por Elisabeth Kübler-Ross (2008), de pacientes terminais quando lhes são revelados a iminência de sua morte. Estas pessoas vivenciam, segundo a autora, cinco estágios, que não são rígidos e definidos quanto ao tempo e momento em que chegam, na verdade, tendo duração variável, podem se substituir ou acontecer simultaneamente, e com determinados sujeitos não chegará a acontecer uma ou outra fase. Os estágios são: negação; a raiva; barganha; depressão e aceitação.

Fazendo uma relação com os resultados obtidos e os estágios estudados, pode-se perceber que a negação da perda que os participantes da pesquisa demonstram se assemelham ao estágio de negação e isolamento vivenciado pelo paciente terminal, que é precedida brevemente por um estado de choque. “Em suma, a primeira reação do paciente pode ser um estado temporário de choque do qual se recupera gradualmente. Quando termina a sensação inicial de torpor e ele se recompõe, é comum no homem esta reação: ‘Não, não pode ser comigo’” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 47). Enquanto que, os participantes da presente pesquisa, ao discorrerem sobre o falecimento do ente querido, diziam não poderem acreditar no que havia acontecido, negando também a veracidade dos fatos, o que se acredita ser uma defesa temporária frente à realidade impactante que lhes assola. Para Mazorra (2009) este é um mecanismo de defesa do qual a pessoa se utiliza para evitar o contato direto com uma situação difícil, tendo a função de adiar o momento da dor. Por ser essa uma defesa temporária, logo acaba sendo substituída por uma parcial aceitação dos fatos.

Passado o estágio de negação, o sujeito é tomado por sentimentos de raiva, revolta e ressentimento, no qual ele se questiona; ‘Por que eu?’. Este acaba sendo um dos momentos mais difíceis de lidar com a pessoa, pois sua raiva se projeta no ambiente, para todas as direções, muitas vezes sem razão (KÜBLER-ROSS, 2008). Um número reduzido de participantes expressou frases de revolta com o ocorrido (6%), sendo que em uma das publicações coletadas havia a frase “Por que logo você?”, lembrando o exemplo citado anteriormente em que os pacientes se perguntam em um momento de raiva o porquê aquilo aconteceu com eles. Além disto, foi possível perceber claramente esta raiva propagada no ambiente em duas publicações, nas quais as autoras delas afirmavam que no mundo em que vivemos existiam muitas pessoas ruins e estas eram as que tinham saúde, como que considerando uma injustiça o fato de seus entes queridos, que eram considerados pessoas boas por elas, terem falecido e não outros sujeitos.

Raiva e hostilidade podem assumir formas completamente irracionais e ser dirigidas não apenas contra o pessoal médico que tratou do falecido como também contra as pessoas mais próximas e queridas, incluía até mesmo aquela pessoa que morreu. Esses sentimentos expressam a ambivalência do enlutado contra essas pessoas e, mais particular e dolorosamente, em relação à pessoa desaparecida que lhe causa tanta aflição por seu abandono. (PINCUS, 1989, p. 107).

É importante ressaltar, quanto a esse sentimento de raiva expresso, que este terá variações no luto, de pessoa para pessoa e nos diferentes períodos de sua vida em que o sujeito passar por uma perda podendo não só ser dirigida para outras pessoas, mas também para si mesmo, como forma de autoacusação pelo ocorrido e/ou culpa (PARKES, 1998). Além destes, haviam também, revelados nas publicações analisadas, sentimentos de dor, sofrimento e saudades que continham em seu conteúdo muita tristeza com a separação do ente.

A fase da depressão no paciente terminal é o momento em que ele se entrega à tristeza mediante a realidade que lhe cerca, momento em que ele já negou que isso seria possível, já se enfureceu com tudo e todos, já tentou barganhar com Deus e agora para reagir e sofre, como que se dando conta da veracidade dos fatos. E isso se parece com a tristeza das pessoas enlutadas, autoras das publicações, que por mais que houvesse a raiva, a negação, o sentimento que elas carregavam era de uma grande perda com o falecimento da pessoa querida. Parkes (1998) afirma que o enlutado vivencia a sensação de desolação interna mediante a uma perda significativa. Associado a isto, a dificuldade de se expressar, demonstrada pelas participantes da pesquisa, pode revelar em partes um meio de negar à consciência que a perda ocorreu ou então que está passando por um momento de muita dor, no qual palavras não lhe cabem.

Por outro lado, as frases dentro das publicações que demonstravam aceitação do ocorrido nos remetem ao quinto estágio que pode vivenciar o paciente em fase terminal, que é o momento em que, pode-se dizer que, além de se dar conta, ele aceita o que vai lhe ocorrer. Quando essa fase chega, o paciente já teve tempo de externar os seus sentimentos, sua revolta e indignação com o que lhe aconteceu, de lamentar as perdas vividas e estará aguardando seu fim com certa tranquilidade (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 117). Nesse momento a dor abre lugar a uma tentativa de aceitar os fatos. Quanto às publicações, no que se assemelham a isso, as participantes buscavam meios de aceitar o acontecido, usando da racionalidade (“É a lei da vida”, “A partida é necessária”), do conformismo (“Não há nada a se fazer senão aceitar”, “Só nos resta aceitar”) ou da religião (“Deus sabe o que faz”, “Nessas horas só podemos entregar a Deus”) para justificar e compreender os fatos. Foi possível perceber também a manutenção das lembranças como um meio de aliviar a dor e aceitar a perda, para Parkes (1998), aqueles que sofrem uma perda estarão sempre, de alguma maneira, envolvidos em lembranças daquele que morreu, o

que enxergou-se nesse trabalho como algo positivo que vem a auxiliar no processo de elaboração do luto.

Pode-se perceber nesta categoria explicitada que os sentimentos de angústia apareceram com maior frequência que os de aceitação, o que pode dever-se ao fato de, a maioria delas, terem sido coletadas num período muito recente à perda (94% na mesma semana do falecimento) e/ou pelo posicionamento da sociedade em que vivemos de não saber lidar com as diversas perdas vividas.

Para Pincus (1989) essas respostas se darão de maneira variada, de acordo com a situação que viria a desencadeá-las, pois não há um modo específico de se reagir, tais reações estão relacionadas aos fatores a elas associadas que interferem no modo como o sujeito irá responder à perda sofrida, “tais como a forma da morte, a oportunidade, o conhecimento prévio e a preparação para a perda, mas o fator-chave parece ser as relações, as interações que existiram entre o sobrevivente e o morto” (p. 30). É esse quesito que a segunda categoria vem elucidar. Esta categoria se refere às alusões que as participantes da pesquisa fazem às pessoas que faleceram, em suas publicações. Nestas enfatizavam a relação que tiveram com o ente, a partir da descrição das características dessa pessoa, todas elas positivas, e na expressão de afetos a ela, como uma forma de não só se declarar para aquele que se foi, mas também de apresentar às outras pessoas o nível da relação que havia entre ela e o falecido. Notava-se também uma tentativa de estabelecer contato com o ente falecido, sendo conversando com este ou tecendo a ele agradecimentos pelas coisas que fez em vida.

Muitos parentes se preocupam com memórias e ficam ruminando fantasias, chegando, muitas vezes, a falar com o falecido como se este ainda estivesse vivo. [...] Para alguns, esta é a única forma de aceitar a perda, e seria cruel demais censurá-los ou colocá-los frente a frente todo dia com a inaceitável realidade. (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 183).

Tais menções feitas ao indivíduo que já faleceu, acaba sendo, para essas participantes um meio de aliviar a dor da pessoa, como se, fazendo isso, elas pudessem realmente estabelecer contato com a pessoa falecida. Como dito anteriormente, esta atitude tem sido bem aceita nas redes sociais, pois em momento algum se vê tentativas de repreendê-las quanto a isso, na verdade, muitos dos que respondem às publicações acabam se posicionando da mesma maneira, mencionando o morto e declarando-se para ele, além de escrever mensagens de consolo para o enlutado. Pincus (1989) acredita que essas respostas de mencionar, destacando suas qualidades e as boas ações que fez, tem relação com o que nos é encorajado na maioria das sociedades: “a de idealizar o falecido, o que reforça a recusa do verdadeiro sentimento e da recordação de uma relação real” (p. 41). Não se pretende dizer aqui que não são sinceras as demonstrações de afeto nas publicações, muito pelo contrário, acredita-se plenamente que aqueles que sofreram a

perda, tem sua dor aumentada devido ao grande vínculo e ligação com o falecido, porém o que chama a atenção é a ausência de qualquer característica que não seja positiva com relação à pessoa, como se aquele que morreu, a partir daquele momento, só tivesse qualidades e não defeitos, num real posicionamento de idealizar o morto, de “santificá-lo”.

A terceira categoria identificada aborda o enfrentamento do luto das participantes fazendo uso da religiosidade. A religiosidade na sociedade moderna é um sistema estruturante de referências e crenças que envolvem três dimensões: a religião como identidade; como adesão, experiência ou crença e como disposição ética ou comportamental associada a um universo religioso (DUARTE, 2005 *apud* FITARONI, 2016, p. 103). Nas publicações analisadas, foi possível identificar o uso da religiosidade de diversas formas, seja evocando entidades divinas nas quais elas creem ou mencionando sua crença em uma possibilidade de vida ou continuidade de existência após a morte para o ente falecido e descanso para ele, assim como solicitando conforto nesse momento de dor vivido, para si e para os outros familiares.

Kovács (1992, p. 29) denomina o papel da religião em nossa sociedade, em parte, como o de “socializar e dirigir os ritos de morte, como forma de lidar com o terror”, visto que em nossa civilização se mantém diversos ritos, práticas e crenças referentes à morte. Mas para alguns autores, a adesão dessa prática vem sucumbindo com o passar dos tempos. Para Elias (2001, p. 13 *apud* FALCÃO, 2012, p. 732) “a busca de ajuda em sistemas de crenças sobrenaturais contra o perigo e a morte se tornou menos apaixonada”; Kübler-Ross (2008), por sua vez, faz uma relação do papel da religião ligada à crença de que o sofrimento teria uma recompensa em outra dimensão, pensamento esse, segundo ela, falido nos dias atuais, visto que antes um número maior de pessoas acreditava nessa recompensa após a morte devido os sofrimentos enfrentados na terra, aguardando e crendo em uma vida futura plena e jubilosa. Atualmente, evita-se a todo custo o sofrimento, pois não se vê mais sentido nele “uma vez que se podem administrar sedativos contra dores, pruridos ou outros incômodos. Há muito sumiu a crença de que o sofrimento aqui na terra será recompensado no céu. O sofrimento perdeu sua razão de ser” (p. 19).

Apesar das colocações dos autores, este trabalho nos mostrou um outro olhar quanto ao papel da religião no sentido de servir como um acalento para as pessoas que perderam um ente querido. Longe de posicionamentos contra ou a favor de tal prática, o que objetiva-se mostrar é que, ainda hoje, mesmo com tantas mudanças em nossa sociedade, a religiosidade tem servido como via de escape nos momentos de sofrimento. É o que corrobora Alarcão, Carvalho e Pelloso (2008) ao entrevistar mães que perderam filhos jovens por mortes violentas.

É notória a relação intrínseca entre a religião e períodos críticos ou estressantes da vida. Dificuldades, sofrimentos e conflitos representam o foco da atenção de orientações da religião de como lidar com a dor, perdas,

fracassos, ou com sentimentos de impotência diante de problemas. Tais considerações se revelaram em todas as entrevistas: a fé, a religião, o poder divino – no dizer das mães - acabam por tornar tolerável o insuportável, ao oferecerem força para lidar com a tragédia e continuar vivendo. (ALARCÃO, CARVALHO & PELLOSO, 2008, p. 345).

As mães do estudo citado relataram suas vivências a partir da morte dos filhos, sendo todos eles por homicídio, e enfatizaram o apego à espiritualidade como essencial no processo de reestruturação da vida após a perda sofrida, apontando a religião como uma saída para lidar com o sofrimento e com a finitude corpórea e também como um acalento para a alma.

A última categoria identificada no presente trabalho define a maneira com que as autoras das publicações caracterizam a morte. De acordo com Combinato e Queiroz (2006), o significado da morte depende do contexto sociocultural em que se está inserido e varia no decorrer da história entre as diferentes culturas, portanto, o significado de morte não pode ser enxergado apenas partindo do ponto de vista biológico, é preciso compreender também que o ser humano é caracterizado pelos aspectos simbólicos com que ele identifica as coisas. Os autores ressaltam também que cada tempo e cultura atribuiu um significado à morte, significado esse pertencente à cultura, construída por outras gerações, que acaba sendo internalizado pelo indivíduo que o compreende a partir de sua própria subjetividade e atribui então sentido pessoal e singular para ele.

Os resultados apresentaram que, para estas pessoas pesquisadas, a morte aparece como o fim (da vida) que é irreversível além de imprevisível e que significa a perda e a ausência de alguém. Para Combinato e Queiroz (2006, p. 212) “falar de perda significa falar de vínculo que se rompe, ou seja, uma parte de si é perdida”, pois “raramente há apenas a pessoa que morre; há aqueles que ela deixa pra trás” (PINCUS, 1989, p. 30) e são esses que irão vivenciar esta dor da perda, da maneira que conseguirem e enfrentar o processo do luto até que haja a significação dessa perda. Mazorra (2009 *apud* SANCHES, 2012) ressalta que é a construção do significado sobre a perda vivida, compreendendo o sentido desta na vida do enlutado que deverá permitir que o luto seja completo, dando ao sujeito a possibilidade de seguir o curso de sua vida. De modo geral, pode-se dizer que, tais resultados apresentados se assemelham a muito do que se vem lendo e estudando quanto às representações sociais de morte para diversos tipos de sujeitos (FITARONI, 2016; KÜBLER-ROSS, 2008; PARKES 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como enfoque o luto a partir das publicações na rede social Facebook com o objetivo de compreender o significado do luto na atualidade levando ao entendimento do processo vivenciado por aquele que passa por uma perda para que seja

possível buscar as melhores estratégias de auxiliá-lo nesse momento delicado, a partir da perspectiva da Psicologia.

Para tanto, foram analisadas as publicações coletadas, apresentando-nos como resultados uma aproximação do significado de luto para as participantes. Para estas o luto é um momento de angústia, composto por sofrimento, saudades, negação da perda, dificuldade de se expressar e revolta, no qual se intenta ter aceitação do ocorrido, por meio da manutenção das lembranças e das expressões de conformismo. Momento em que também são feitas frequentes alusões à pessoa que faleceu como que numa tentativa de estabelecer contato com aquele que se perdeu para que seja possível amenizar a dor, dado o vínculo existe entre o enlutado e o falecido. Nesse período, costuma-se fazer uso da religiosidade como um meio de enfrentar a dor e a realidade da perda, convocando os seres superiores para que deem proteção e cuidado e mantendo a crença da possibilidade de um descanso como recompensa para a pessoa que faleceu e de se encontrarem novamente após sua morte. O luto para as participantes evocou o conceito de morte como um evento que pertence ao ciclo de vida e como perda e/ou ausência de alguém, que, conseqüente suscitariam os sentimentos anteriormente citados.

Os resultados obtidos com a presente pesquisa nos mostram a importância de compreendermos tais expressões à luz da Psicologia e das suas diversas correntes teóricas existentes para que se possa acolher e proporcionar uma escuta instrumentalizada ao sujeito em seu sofrimento, trabalhando com ele a maneira com que percebe o momento enfrentado para que seja possível lançar mão de recursos para ampará-lo em sua dor. Tais resultados destacaram as demonstrações de luto no Facebook como uma forma encontrada pelos sujeitos de lidar publicamente com sua dor na contemporaneidade, mostrando a rede social como importante ferramenta que lhes possibilitaria isso.

Percebeu-se como uma das dificuldades e limitações concernentes a este estudo, o número limitado de participantes da pesquisa em relação ao número de usuários e publicações da rede social. Ainda assim acredita-se que os resultados obtidos com esta pequena parcela tenha sido de grande valia para pensar na compreensão do todo.

Outra limitação identificada foi a da impossibilidade de explorar pessoalmente a temática, além de não possuir instrumentos para investigar o vínculo existente entre as enlutadas e as pessoas que faleceram e não ser possível acompanhar o processo de elaboração do luto nas participantes da pesquisa, ficando assim como sugestão de que haja o aprofundamento nessas questões nas futuras investigações realizadas com o tema.

Vale ressaltar que tal análise foi realizada com base em um recorte limitado no tempo, ou seja, estava se referindo ao estado das determinadas participantes naquele momento específico de dor. Não se ousa sugerir que tal estudo seja tomado como regra ou

modelo explicativo de algo, mas sim que seja um facilitador para a compreensão das manifestações de luto na atualidade.

Nessa pesquisa, notou-se a dificuldade de encontrar estudos que discutam sobre a função da religiosidade no enfrentamento do luto. Apesar de não ser uma temática amplamente aceita e nem comprovada cientificamente, os resultados demonstraram que a religiosidade ainda nos dias atuais tem servido como conforto de seus adeptos em momentos de crise e corrobora ser uma ferramenta importante no auxílio do enfrentamento e da superação da dor de uma perda. Logo, se tal prática se faz relevante para um determinado sujeito, é função do profissional de Psicologia abrir-se para a compreensão de suas práticas e crenças. A religiosidade e/ou a crença em algo do qual se acredita receber proteção, sempre fez parte de nossa sociedade de algum modo, sendo assim, fechar os olhos para isso e recusar-se ao aprofundamento de tais estudos é negar a subjetividade da pessoa que sofre, rejeitando-se a compreender elementos que, de algum modo, lhes dão sustentação. Independentemente dos discursos sobre comprovação científica, o que se preza aqui é a integridade do ser humano, aceito como tal.

Recomenda-se então que haja a continuidade do estudo para que seja possível verificar os impactos da expressão do luto na subjetividade das pessoas que usam do Facebook como um espaço de compartilhamento das emoções e como isso pode ajudar ou não o enfrentamento do luto.

Ao final deste trabalho, reafirma-se a importância de realizar estudos sobre o luto e seu processo de elaboração e se espera que o mesmo tenha contribuído para a reflexão acerca de tal tema tentando suscitar o questionamento em futuros investigadores que possam aprofundar ainda mais nas questões abordadas, gerando resultados significativos para o conhecimento no meio acadêmico e científico, não só na área da Psicologia, mas para todas aquelas que precisarem lidar com tais demandas, para a prática clínica e para a população leiga em geral.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Ana Carolina Jacinto; CARVALHO, Maria Dalva de Barros; PELLOSO, Sandra Marisa. A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 341-347, 2008.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOUSSO, Regina Szyllit et al. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia USP**, v. 25, n. 2, p. 172-179, 2014a.

BOUSSO, Regina Szylyt et al. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. **ComCiência**, n. 163, 2014b.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006.

DE FREITAS, Ian; DE CARVALHO, Daniel Estima. O aumento no acesso à internet por jovens da base da pirâmide no Brasil e suas particularidades. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategy**, v. 4, n. 2, p. 132-164, 2012.

DO AMARAL, Rogerio. Exposição da vida privada em redes sociais: motivações e consequências. **Colloquium Humanarum**, v. 12, 2015, p. 475-478.

DUARTE, Talita Aparecida da Costa; SILVA, Valdir. Redes sociais e construções narrativas no contexto virtual. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 8, n. 2, 2015, p. 86-105.

FALCÃO, Eliane Brígida Morais. Nos embates com a morte, os médicos não estão sozinhos. **Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 719-734, 2012.

FITARONI, Juliana Batista. **Morte nos cuidados paliativos: representações sociais da equipe multidisciplinar**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo [org.]. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-43.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002, p. 41-56.

HUNT, Tara; CALLARI, Alexandre. **O poder das redes sociais**. Editora Gente Liv e EditLtd, 2010.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. 1926. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. – 9 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MAZORRA, Luciana et al. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009, p. 1-60.

MUELLER, Leticia. Memorial Facebook. Meu epitáfio é minha página. As representações da morte no ciberespaço. **Revista UNINTER de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 126-143, 2014.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de. Expressões virtuais da dor: notas sobre as manifestações de luto na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 176-191, jan./jun. 2011.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. Ed. Summus, 1998.

PERUZZO, Alice Schwanke et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 3, p. 90-102, 2007.

PINCUS, Lily. 1974. **A família e a morte: como enfrentar o luto**. – Trad. De Fátima Murad – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 10-20.

SANCHES, Vânia de Mello Catelanet al. **Luto materno e o vínculo com o filho substituto**. 2012, p. 09-59.

VERONEZZI, José Carlos. **Mídia de A a Z**: os termos de mídia, seus conceitos, critérios e fórmulas, explicados e mostrados graficamente como são utilizados na mídia. São Paulo: Flight Editora, 2002, p. 117-120.